

Igiaba Scego

# ADUA

*tradução*  
*Francesca Cricelli*

Sou Adua, filha do Cláudico. Hoje encontrei o registro do imóvel de *Laabo dbeгах*, nossa casa em Magalo, na Somália meridional. Estava escondido numa antiga mala de peltre que eu guardava no depósito, ali estava há séculos e eu nunca me dera conta.

Agora sou legal. Agora, se quiser, posso até voltar à Somália.

Tenho uma casa e sobretudo um documento oficial no qual está escrito que aquela casa pertencia a meu pai Mohamed Ali Cláudico, e portanto, é minha.

Finalmente, poderei colocar na rua os que a ocuparam abusivamente durante estes tristes anos de guerra.

*Laabo dbeгах* significa duas pedras. Um nome estranho para uma casa, talvez não tão auspicioso. Mas não me sinto à vontade para mudá-lo agora. Não teria realmente sentido mudá-lo. Com este nome nasceu e com ele está traçada sua existência.

Reza a lenda que meu pai, Mohamed Ali Cláudico, disse: “Estas são duas pedras, os *laabo dbeгах*, sobre as quais vou construir o meu porvir”.

Quem sabe quem realmente disse esta frase? Soa-me um pouco bíblica.

O fato é que esta lenda fincou suas raízes em nossos corações e, não obstante a verdade, devo dizer que sentimo-nos afeiçoados a ela em família.

Toda noite, antes de dormir, também me pergunto se eu, como meu pai, poderei construir em nossa terra o pouco de porvir que me sobra.

Pedi para a Lul dar uma olhada em *Laabo dbeгах*, já que em breve teria partido de Roma.

Disse-lhe: “Por favor. Conto contigo, *abaayo*, para saber cada detalhe daquela que foi minha casa”.

Era um dia com muito vento, nossos lenços dançavam sobre a arquitetura de Roma, a Capital.

Abracei-a e disse: “Não te esqueças de *Laabo dbeгах*, não te esqueças de mim, irmã”.

Ela não me fez promessas solenes.

Lul foi a primeira das minhas amigas a voltar. Chamou-me após uma semana em Mogadíscio e disse-me: “O ar cheira cebola”. Não disse muito mais do que isso. Eu lhe fiz uma pergunta atrás de outra. Queria saber se nosso país havia realmente mudado tanto e se nós, que vivíamos há trinta anos fora, poderíamos vincular-nos novamente à nova, à novíssima, Somália da paz.

“Desmoronará nosso sonho?” perguntava-lhe. “Conseguiríamos viver aí?” indagava.

Lul, porém, não respondia. Por telefone repetia: “business”, “money”. Continuava a dizer que o momento de fazer negócio era agora, não amanhã. Agora, o tempo da grana. Agora, o tempo dos lucros.

“É a paz, mana” - disse com um sorriso amplo “se você está preocupada com as tuas duas pedras, venha”.

A paz. Antes de agosto achava que a palavra “paz” fosse uma bela palavra. Nunca ninguém me havia dito que “paz” é, de fato, uma palavra ambígua.

Viva!

Business tornou-se a obsessão de todos os somalis.

Da Lul...

Mas eu ainda estou em Roma e daqui parece-me tudo tão estranho. Gosto de Roma no verão, sobretudo sua luz ao anoitecer, quando chega o pôr do sol, é quente, e até as gaivotas ficam boazinhas e dá vontade de abraçá-las. São as donas das praças, mas aqui estás tu, meu elefantinho, e elas não ousam. Xô, fiquem longe da praça Santa Maria sobre Minerva! Sinto-me protegida perto de ti. Aqui estou em Magalo, em casa. Meu pai também tinha orelhas grandes, mas ele nunca soube me ouvir, nem eu nunca consegui com ele falar. Contigo é diferente. Por isso agradeço Berinini por ter te criado. Um pequeno elefante de mármore que sustenta o menor obelisco do mundo. Um palito de dentes. Não te ofendas, se digo isso. Sabe, eu preciso de ti.

Lul viajou e ainda não sei se conseguirei revê-la. Mas tu me remetes a ela. Sabes ouvir. Preciso ser ouvida, senão as palavras se desfazem e se perdem.

“Olha só a preta, ela fala sozinha”, dizem os passantes e nos apontam. Mas nós não damos atenção a eles. Nos entendemos perfeitamente eu e tu, afinal de contas, viemos do oceano Índico. O nosso oceano de magia e perfumes. Oceano de separações e conjunções. És errante, como eu.

Agora é Lul quem respira o cheiro de atum do nosso oceano.

Ela que bebe *sabi addes*. Ela que dá ordens tratando mal as pessoas, pensando que são todos seus *adon*.

Eu conheço a Lul, é uma boa moça e por isso é a mais pérfida das bruxas.

Lul está no topo dos meus pensamentos. O que fará agora a minha amiga na Somália? Em qual *business* terá se metido, afinal?

E se eu realmente fosse ao seu encontro? A mala está pronta, nunca a desfiz.

Mas estou sonhando acordada.

Ontem encontrei uma moça no bonde. Era negra, tinha o cabelo raspado e as coxas grossas. Estávamos no 14, na junção para Porta Maggiore. Olhava-me fixamente desde a estação Termini. Sentia-me incomodada pelo seu olhar pontiagudo. Queria virar e dizer-lhe: “Chega”. Misturar a língua mãe ao italiano de Dante e fazer uma daquelas belas cenas que tornam mais viva a viagem nos meios de transporte público em Roma. Queria ser vulgar e espalhafatosa. Estava a fim de uma bela cena, assim eu já não pensaria mais na Lul, nem em *Laabo dbeqah*, na estranha paz somali. Mas logo a moça foi mais esperta. Aproximou-se lentamente de mim sem que eu percebesse e lançou sua pergunta: “Você é Adua, né? A atriz? Eu vi o seu filme”. E depois, após uma pausa estudada, acrescentou: “Você sabe que me assusta?”

Fiquei estarrecida.

O meu filme? Realmente havia alguém que ainda se lembrava daquele filme?